

## TRAJETÓRIA DAS OFICINAS “SE LIGA NA BIBLIO” NO CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

**Amanda das Neves Pinto**

Mestranda em Educação em Ciências.  
Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande,  
Rio Grande do Sul, Brasil.  
amanda.neves.pinto@gmail.com.  
<https://orcid.org/0000-0002-6716-5307>.

**Angélica Conceição Dias Miranda**

Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento.  
Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande,  
Rio Grande do Sul, Brasil.  
angelicacdm@gmail.com.  
<https://orcid.org/0000-0003-3624-4616>.

### RESUMO

Aborda as oficinas do “Se liga na Biblio” oferecidas pelos alunos de Biblioteconomia da FURG, juntamente com a coordenação do projeto, a fim de passar o aprendizado que obtiveram no decorrer da vida acadêmica. Os objetivos deste trabalho foram investigar a trajetória das oficinas “Se liga na Biblio” no curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Utiliza uma triangulação metodológica no seu desenvolvimento, são elas: levantamento de dados por meio da pesquisa documental, revisão bibliográfica e questionário. A coleta de dados foi feita a partir de documentos do SISPROJ sobre as oficinas, disponibilizados pela coordenadora do projeto, professora Angélica C. D. Miranda e outras informações no site da FURG. Com base nos documentos, colheram-se os dados sobre o título da oficina, período de execução, a equipe executora e o número de vagas (aproximadamente). Os resultados indicam que cerca de 244 alunos participaram das oficinas, com isso foi possível calcular que por volta de 2,0678% dos alunos da FURG foram alcançados com as oficinas do projeto “Se Liga na Biblio”. Concluiu-se que as oficinas são de suma importância, e podem ser ofertadas aos ingressantes da universidade.

**Palavras-chave:** Oficinas Se Liga na Biblio. Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

### TRAJECTORY OF THE “SE LIGA NA BIBLIO” WORKSHOPS IN THE BACHELOR'S COURSE IN LIBRARY AT UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

### ABSTRACT

It addresses the “Se liga na Biblio” workshops offered by FURG Librarianship students, together with the project coordination, in order to pass on the learning they obtained during their academic life. The objectives of this work were to investigate the trajectory of the “Se liga na Biblio” workshops in the Bachelor of Library Science course at the Federal University of Rio Grande – FURG. It uses a methodological triangulation in its development, they are: data collection through documentary research, bibliographic review and questionnaire. Data were collected from SISPROJ documents about the workshops, made available by the project coordinator, Professor Angélica C. D. Miranda, and other information on the FURG website. Based on the documents, data on the title of the workshop, period of execution, the executing team and the number of vacancies (approximately) were collected. The results indicate that about 244 students participated in the workshops, thus it was possible to calculate that around 2.0678% of FURG students were reached with the workshops of the “Se Liga na Biblio” project. It was concluded that the workshops are of paramount importance, and can be offered to university freshmen.

**Keywords:** Workshops Se Liga na Biblio. Librarianship. Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

## 1 INTRODUÇÃO

Na área educativa existem algumas formas de auxílio para o ensino/aprendizagem. Trata-se de atividades de caráter pedagógico, que servem para desenvolver competências

ligadas diretamente às matérias trabalhadas em aula (CARDOSO *et al.*, 2017). Um exemplo dessas atividades desenvolvidas são as oficinas, que não servem apenas para amparar as matérias vistas em aula, como também para estudar matérias não abordadas. O objetivo dessas atividades é trazer um conteúdo de fácil compreensão.

Oficinas acadêmicas são parte de um “processo e produto” que compõe uma relação do processo educativo, influenciando a qualidade dos estudos. No geral, preocupam-se com a adequação do passo-a-passo para que todos os alunos envolvidos cheguem em um mesmo objetivo. Segundo Corcione (2007, p. 21) “o processo do qual falamos tem várias características; é pluridimensional, criativo, coletivo, planejado e coordenado.”, assim, é importante dizer que cada oficina é criada com uma ou mais matérias como um recurso para o aperfeiçoamento, pensada para que os alunos participantes se sintam à vontade e consigam compreender melhor o que for dito.

As oficinas disponibilizadas pelo curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG são tidas como de “ensino” e “extensão”. No meio acadêmico é possível explicar ensino como uma aprendizagem passada de aluno para aluno ou de professor para aluno, já a extensão pode ser classificada como o próprio significado da palavra, expandindo as dimensões e saindo das salas de aulas, podendo ter uma inter-relação com a sociedade. Dessa forma, as oficinas conseguem envolver alunos dos cursos de graduação ou de pós-graduação, de dentro da universidade, assim como seus familiares, ou a comunidade ao redor.

O tripé Ensino – Pesquisa – Extensão, utilizado pela FURG, traz a pesquisa como aliada no processo de formação do discente, “abrindo possibilidades para questionar, reordenar, reinterpretar e reconstruir conhecimentos.” (MIRANDA; FIRME, 2018, p. 94-95). De acordo com Miranda e Firme (2018, p. 139-140), “A FURG vive este tripé estando em consonância com sua proposta. [...] Sua incumbência é proporcionar um ambiente favorável à reflexão, à postura crítica e cidadã, à compreensão dos fatos na sociedade, não abrindo mão do tripé.”

Existe a importância do tripé Ensino – Pesquisa – Extensão estar unido para que assim possamos transpassar as paredes das salas de aula e levar o conhecimento obtido em aula para outros alunos, não se resumindo apenas nos discentes da graduação, mas estendendo-se aos demais alunos da pós-graduação. Como universidade pública compreende-se que todo o conhecimento produzido pode e deve voltar para a comunidade, e as oficinas do “Se liga na Biblio” surgiram com a ideia de que discentes e docentes do Curso de Biblioteconomia, ou convidados, podem compartilhar o seu conhecimento com a comunidade acadêmica.

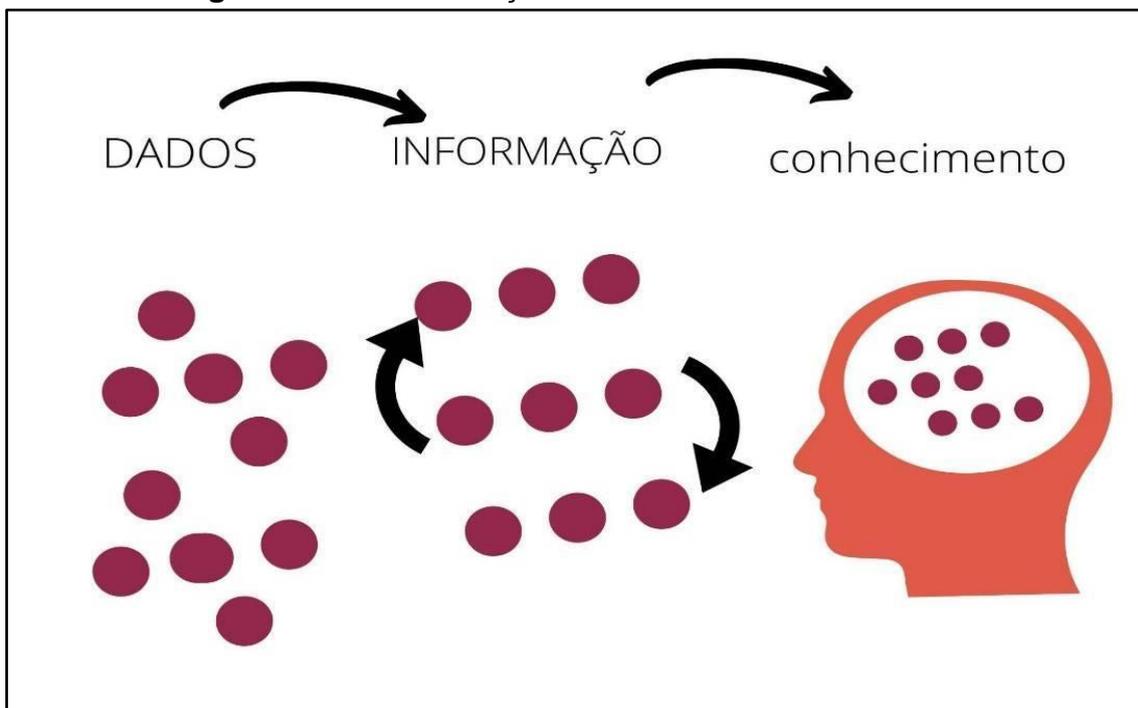
Para este estudo, considera-se o ser humano como uma organização, com base no Dicio (©2009) é uma “Formação estrutural aquilo que compõe um ser vivo ou do que constitui um sistema.”. De acordo com Choo (2003, p. 28) “A informação é um componente intrínseco de quase tudo que uma organização faz.”, ou seja, a informação é considerada algo essencial dentro de um sistema ou organização. E foi por esse viés que discentes e docentes idealizaram as oficinas, pensando que como pessoas, pode-se utilizar as 3 arenas que o Choo (2003, p. 28) cita sobre o uso das informações.

A primeira arena citada, descreve que:

Sem uma clara compreensão dos processos organizacionais e humanos pelos quais a informação se transforma em **percepção, conhecimento e ação** as empresas não são capazes de perceber a importância de suas fontes e tecnologias de informação. (CHOO, 2003, p. 28, grifo nosso).

A segunda arena descrita por Choo (2003, p. 28, grifo nosso) diz que “a organização **cria, organiza e processa a informação** de modo a gerar novos conhecimentos por meio do aprendizado”. E a última arena mostra que “as organizações buscam **avaliar informações** de modo a tomar decisões importantes.” (CHOO, 2003, p. 28, grifo nosso). A figura 1 mostra uma explicação com base em Choo (2003) sobre o que é informação.

**Figura 1 – Transformação dos dados em conhecimento**



Fonte: Adaptado de Choo (2003).

Conforme a figura 1, é possível observar 3 (três) etapas. A primeira é denominada “dados”, que são um conjunto de círculos desorganizados. Ao lado, observa-se os mesmos círculos, porém organizados, denominados “informação”, demonstrando que quando um amontoado de dados é organizado, se transformam em informação. A informação, quando absorvida por alguém, se transforma em “conhecimento”, podendo esse conhecimento ser passado de pessoa para pessoa.

Por meio de leituras e experiências no decorrer da graduação, as oficinas ministradas no programa “Se Liga na Biblio” foi visto que as oficinas servem de auxílio na aprendizagem dos universitários, para compreensão total ou parcial dos conteúdos ministrados, sendo um seguimento das aulas por eles assistidas. Diante do exposto, surge a seguinte pergunta de pesquisa: como os discentes que se envolvem como ministrantes veem a importância das oficinas?

Com isto, a primeira hipótese levantada, buscava identificar a porcentagem de alunos compreendidos nas oficinas, para verificar se mais da metade dos alunos da FURG participaram das oficinas. A segunda hipótese é referente ao teor das oficinas, se a procura e oferta é maior para produção científica e produção de trabalho de conclusão de curso – TCC.

Os objetivos deste trabalho foram investigar a trajetória das oficinas “Se liga na Biblio” no curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E dos específicos a) buscar informações quanto as oficinas ofertadas; b) apurar informações quanto ao número de vagas ofertados nas oficinas; c) verificar as oficinas ministradas e em qual período de tempo; d) investigar a opinião dos ministrantes.

A justificativa utilizada parte do princípio que as oficinas fazem parte do processo que compõe uma relação educacional, influenciando diretamente a qualidade dos estudos. Mesmo que na área educativa existam formas de auxílio para o ensino/aprendizagem, são atividades extracurriculares (por não aparecerem na grade curricular juntamente com as demais matérias) de caráter pedagógico, para desenvolver competências ligadas diretamente às matérias trabalhadas em sala de aula.

Desta forma a motivação para este estudo, nasceu ao participar de oficinas e relatar a importância que as atividades extensionistas prestam para a comunidade acadêmica, como uma forma de partilhar conhecimento. Coordenado por uma docente e organizado por alunos, para a comunidade universitária, acaba se tornando uma forma de estudo e aprendizado em conjunto, tendo uma troca de experiências, com uma linguagem de fácil compreensão.

## 2 USO DA INFORMAÇÃO

A informação é insumo para muitas organizações. Davenport (1998) afirma que o principal objetivo da informação é informar, não são apenas dados que podem ser arquivados facilmente, trata-se de levar uma mensagem ao interlocutor, de forma a mudar sua visão em relação a algo. Quanto mais complexo for o modelo desta informação menor será a sua utilidade, pois só terá significado dentro de uma organização ou grupo específico, nesse meio a tecnologia é apenas um dos componentes para uso e armazenamento desta informação.

A Ciência da Informação (CI) foi desenvolvida por causa da revolução tecnológica que ocorreu no mundo, vendo a necessidade de ter uma área para tratamento desta informação, sendo adaptável em relação a outras áreas, tendo um papel importante dentro da pesquisa. A CI é um campo de estudo que pode ser caracterizado como interdisciplinar, pois dentro dela estão, segundo Silva e Ribeiro (2002), a Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Comunicação e Documentação. No âmbito das ciências sociais podemos citar a Psicologia, Linguística, História, Epistemologia, Filosofia, Lógica, Estatística, Matemática e Informática como bases centrais para o processamento de dados.

Considera-se que vivemos em uma era pós-moderna, ou moderna, no qual o conhecimento cresce de forma exponencial, o principal motivo são as ferramentas emergentes e o acesso mais fácil à internet, com isso temos uma gama muito grande de conhecimentos que precisa ser processado.

Com a velocidade em que a informação avança, às tecnologias digitais colaboram para seu desenvolvimento e velocidade, com isso uma nova geração de nativos digitais está tomando a frente em como utilizar tais ferramentas, (SANTOS, 2021). Prensky em 2001 já relatava que os nativos digitais desconhecem o mundo sem o uso das tecnologias (PRENSKY, 2001) para a geração que não nasceu compreendendo utilizar as tecnologias como os mais novos, e necessitam das informações disponíveis na internet, requerem o auxílio de um profissional mediador, assim como também ensinar essas crianças o como e onde pesquisar no meio da internet e milhões de informações nem sempre adequadas e corretas.

Azevedo e Ogécime (2020 p. 04) relatam que:

Para esse contexto, supõe-se que o desenvolvimento do letramento informacional dos usuários, exige do bibliotecário como agente mediador da informação, o protagonismo de um papel preponderante no que tangem aos afazeres biblioteconômicos.

O bibliotecário mediador tem papel fundamental no que se refere ao processo de formação, servindo de orientação na construção do cidadão pesquisador, o usuário que procura o profissional mediador, busca satisfazer suas necessidades informacionais, e é dever do bibliotecário mediador fornecer a orientação expandindo assim os horizontes de possibilidades do usuário. Salcedo e Silva (2017, p. 29) descrevem que “pensar na mediação, portanto, é um meio para se alcançar um fim. Esse fim não deve ser a informação, mas, sobretudo, o usuário”. A ação de ser um bibliotecário-mediador é de fundamental importância, por conta da quantidade de usuários que ele pode atender: é necessário acima de tudo “saber trabalhar com as diferenças socioeconômicas das pessoas e, por meio do processo de mediação”. (SALCEDO; SILVA, 2017, p. 27-28).

Azevedo e Ogécime (2020, p. 4) relatam que o uso eficiente e criterioso da informação, faz-se necessário saber identificar e caracterizar as necessidades informacionais, categorizando assim a “capacidade de determinar as fontes relevantes, questioná-las, recuperar as informações e saber como avaliá-las”. Uma das ferramentas que podem ser utilizadas como auxiliar no ensino do uso da informação são as oficinas, podendo ser vista como uma “aula particular”, juntamente com a prática do como fazer, por não ser estática pode abordar diversos temas, e formas de ensino.

## 2.1 Ensino

Para Alves (1981, p. 9) “a aprendizagem consiste na manutenção e modificação de capacidades ou habilidades já possuídas pelo aprendiz.” Em outras palavras, nada daquilo que aprendemos é, de fato, algo novo. Se pensarmos na escrita, antes de aprender a escrever já sabíamos segurar um lápis e fazer rabiscos, na escola aprendemos a dar forma a esses rabiscos, e antes de aprender os sons das letras e ler, já sabíamos falar, e antes mesmo disso já emitíamos sons. Por esta alusão deveríamos repensar o modo de ensinar, um modo que use e pense na experiência do aluno/aprendiz, para melhorar a absorção do conhecimento emitido.

Frequentemente fracassamos tentando ensinar ciência, que nada mais é do que uma especialização em algo. Chalmers (1993, p. 23) diz que “a ciência é baseada no que podemos ver, ouvir, tocar, etc. A ciência é objetiva. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente”. Tentamos ensinar nossas crianças e adultos dando a eles uma solução perfeita para problemas que para eles seriam inimagináveis.

Como podemos pedir que resolvam questões sem apresentar como a questão foi formulada, qual a base utilizada, ou até a teoria por trás da prática, mas não apresentar conteúdo para que decorem e sim para que aprendam e utilizem ao longo da vida. Paulo Freire (1970,

p. 8) relatava que a cultura letrada ensina a ler e escrever, mas a intenção vai além de apenas saber escrever e ler, hoje já é possível afirmar que o ato de instruir é para que o indivíduo possa viver livremente, sem necessitar de ajudas externas.

A alfabetização mais conhecida é a que todas as pessoas passam (ou deveriam passar), a alfabetização e o letramento, em que aprendemos a ler e escrever entre 5 e 6 anos de idade, ela acontece na escola. Outro tipo de alfabetização é a científica, que conforme dito por Chassot (2003, p. 91) “pode ser considerada como uma das dimensões para potencializar alternativas que privilegiam uma educação mais comprometida.” Ao ensinar as crianças e adultos a pesquisar de forma científica são incitados a se tornarem pesquisadores ávidos, com instinto investigativo, observadores que buscam a veracidade das informações obtidas.

O mais novo tipo de analfabetismo (que nada mais é do que falta de instrução) retrata exatamente a vivência reclusa no meio digital. O **analfabetismo digital** é o pior dos dois mundos, os analfabetos digitais, podem até saber ler e escrever, mas não sabem utilizar as ferramentas disponíveis, pois há um desconhecimento do uso de tecnologias digitais (ZANCANARO, *et al.*, 2021 grifo nosso). Oliveira, Borges e Lima (2020) relatam que muitas tecnologias foram disponibilizadas à população, seja via escola, trabalho ou lazer. A “inclusão digital é o processo de democratização do acesso às tecnologias da informação de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação” (OLIVEIRA; BORGES; LIMA, 2020, p. 6).

Um modo de diminuir este analfabetismo digital é começar a educar as crianças a como utilizar essas ferramentas, como as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC's, assim como as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC's. Com isso a escola acaba por ter um papel fundamental na mediação do aprendizado, por esse motivo as escolas devem ser melhor equipadas e os profissionais devem ser instruídos em como repassar este conhecimento (SANTOS, 2021).

Oliveira, Borges e Lima (2020, p. 8) relatam que:

[...] é por meio da escola que será possível ensinar o uso das novas tecnologias aos discentes, demonstrando a eles o quanto pode ser relevante para sua vida aquele aprendizado, não só para o lazer, mas para tarefas do cotidiano, como fazer compras, serviços bancários, pesquisa relacionado ao aprimoramento do conhecimento.

A falta do ensino digital, dentro e fora das escolas, tende a trazer o isolamento digital na vida social das pessoas, isso significa que com a falta do ensino de como utilizar as mídias e as ferramentas digitais as pessoas acabam por não estarem enturmadas com o digital,

perdem momentos que poderiam ter com outras pessoas ou familiares, por medo, ou por não ter quem ajude/ensine (SEGATA, 2020). Com a chegada da pandemia do Covid-19 em 2020, juntamente com as medidas de isolamento social, o ficar em casa tem facilitado uma infraestrutura para o trabalho remoto e educacional, porém esta imersão total no digital está adoecendo as pessoas. “O isolamento social hiper conectado intensifica a ‘vida nervosa’ com a brutalidade de sua velocidade e variedade de estímulos, disfarçando um processo sutil de colonização digital, mas também de adoecimento individual e coletivo”. (SEGATA 2020, p. 169).

## 2.2 Oficinas

As oficinas são utilizadas como uma forma de auxílio dos professores para os alunos, com o objetivo de as matérias serem mais facilmente compreendidas, e também para passar informações ou matérias não vistas em aula. Cardoso *et al.* (2017, p. 1-2) relatam que em uma oficina educativa, promove-se da investigação, ação e reflexão, combinando o trabalho individual e a tarefa socializada. “Por essa razão, ela é um processo pedagógico, no qual alunos e professores desafiam um conjunto de problemas específicos.”

As oficinas educativas/pedagógicas têm um contexto estável e dinâmico, com o trabalho em conjunto dos alunos e professores, oferecendo condições para o estudo e trabalho, permitindo a constituição de vínculos (CARDOSO, *et al.*, 2017). Candau e Zenaide (1999, p. 24) consideram a oficina uma estratégia de formação privilegiada e assim a definem:

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sócio-drama, a análise de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de vídeos-debate, o trabalho com diferentes expressões da cultura popular, etc., são elementos presentes na dinâmica das oficinas.

Em grande parte, as oficinas são reuniões com um número pequeno de pessoas que têm interesses em comuns, o objetivo central é de estudar e/ou trabalhar um conhecimento e aprofundar-se sobre um tema com a orientação de um especialista/professor (CARDOSO, *et al.*, 2017). São produzidas com base em uma matéria, área do conhecimento ou disciplina, para auxiliar o ensino/aprendizagem dos discentes.

Ultimamente tem-se visto necessário um aprofundamento no ensino do letramento informacional e científico, ou seja, um ensino voltado para a aprendizagem do modo de pesquisar

mais adequado, que irá recuperar maiores e melhores informações, como verificar informações verídicas ou falsas. Este ensino deve ser iniciado na educação infantil, para que na vida adulta e acadêmica eles tenham capacidade de fazer uma pesquisa documental embasada cientificamente, sem muitas dificuldades para conseguir um melhor desempenho.

A partir deste pensamento, Borges (2012) ressalta que essas discussões sobre o ensino do letramento informacional e científico são importantes, principalmente em relação à compreensão de ciência pelos alunos no ensino básico, no que trata do entendimento e uso da ciência e tecnologias no meio da sociedade. Essa ideia é validada pelo que conjecturam Andrade e Massabni (2011), eles afirmam que a escola tradicional é dada a aula prática após a explicação teórica, sendo assim concebido como complemento e conclusão do assunto.

No entanto, a aula prática é considerada um mecanismo utilizado pelo letramento, em que o aluno é instruído a construir seu conhecimento. Sendo assim o letramento informacional e científico segundo Silva e Lins (2021, p. 3538) “proporciona ao aluno o criticismo sobre os aspectos sociais em que vive, proporcionando ações práticas advindas dos alunos, especialmente na comunidade”. Ou seja, o aluno se torna capaz em ver os aspectos sociais em que vive e conseqüentemente fomenta ações de melhorias na comunidade.

A próxima seção busca apresentar o percurso metodológico do presente estudo.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A proposta central para formulação das oficinas é a gestão do compartilhamento do conhecimento. Elas são produzidas pelos discentes participantes do projeto – com o auxílio dos professores – e ofertada aos demais discentes da Universidade. Fazendo com que o conteúdo ali agrupado e apresentado esteja escrito de forma mais simples.

Para a formulação destas, é compartilhada com os ministrantes uma lista de pedidos de oficinas dos possíveis alunos que participariam, desta forma são formados os grupos (normalmente de 3 integrantes) que fazem todo o aporte teórico, a formulação e a apresentação no dia e horário marcado.

Este trabalho utiliza uma triangulação metodológica no seu desenvolvimento, são elas: levantamento de dados por meio da pesquisa documental, revisão bibliográfica e pesquisa. A pesquisa é de natureza quali-quantitativa, sendo uma pesquisa básica, que também pode ser chamada de pesquisa fundamental, no qual Fontelles *et al.* (2009, p. 6) relata que o objetivo é adquirir conhecimentos novos que contribuam para o avanço da ciência, sem que haja uma aplicação prática prevista. Esta pesquisa é exploratória e documental que segundo Gil (2008, p. 28).

### 3.1 Tipo de pesquisa

Têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2008).

Mediante o tipo de problemática levantada, a abordagem escolhida foi a quali-quantitativa, um método que recorre a diferentes técnicas estatísticas para quantificar opiniões e informações usufruindo de um questionário com questões abertas (qualitativo) e questões fechadas (quantitativo).

### 3.2 Instrumento de pesquisa

Portanto, entende-se que o questionário é uma série de perguntas pensadas a fim de coletar os dados necessários para que se formule uma boa análise. A elaboração do mesmo pode ser resumidamente explicada como uma tradução dos objetivos específicos da pesquisa, no formato de perguntas bem redigidas. (GIL, 2008).

Nesta pesquisa, os meios de coleta de dados são estruturados por meio de questionários de múltipla escolha, questões abertas e fechadas. Foi voltado aos alunos que ministraram as oficinas, para obter informações sobre informações pessoais a fim de caracterizar os ministrantes, e também quais oficinas foram ministradas, o conteúdo, e em que ano ocorreu.

Neste trabalho, o público alvo da pesquisa foram os participantes das oficinas (universo), a população, os discentes que conseguimos identificar e a amostra os discentes respondentes da pesquisa. O Teste piloto referente ao objetivo que visa investigar a opinião dos ministrantes ocorreu no mês de setembro, com 5 ministrantes das oficinas para a verificação e identificação de possíveis problemas no questionário final (MARCONI; LAKATOS, 2003). Foram encontradas 2 perguntas com erros de digitação e foram adicionadas mais duas perguntas a fim de responder os objetivos específicos deste trabalho.

A análise foi descritiva, a fim de apresentar e apurar a opinião dos ministrantes das oficinas, não havendo a necessidade de uma análise aprofundada. Os dados obtidos a partir do questionário, e após extraídos e descritos no trabalho, houve a interpretação das respostas.

#### 4 TRAJETÓRIA DAS OFICINAS

Nesta seção, apresenta-se a trajetória das oficinas “Se liga na Biblio”, promovidas pelo curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Iniciado em 2010 com o nome “Drops Pedagógicos” produzido pelo Instituto de Educação (IE), o evento pretendia promover palestras, encontros de curta duração (chamaremos de oficinas) e orientações para a melhoria dos métodos de ensino a partir dos mais variados assuntos (FURG, 2010).

A FURG (2010) escreve que o Drops estava disponível para todos os alunos da universidade, porém a ênfase inicial era de ajudar os docentes em suas metodologias de ensino, bem como os discentes na compreensão dos conteúdos ministrados. O nome foi escolhido em homenagem a bala Drops, o intuito era de assim como a bala, as oficinas oferecidas fossem consumidas de forma rápida, tal qual comer uma bala, ou seja, que o conhecimento fosse passado de forma rápida e eficaz, para que o aluno sanasse suas dúvidas ou ampliasse seu conhecimento sobre certo assunto.

As atividades a serem desenvolvidas teriam no máximo 50 minutos, inicialmente pretendiam alcançar os professores da Instituição que desejassem uma visita nas salas de aula ou atividades de ensino. Podendo também ser feito nas semanas acadêmicas, a proposta inicial foi de realizar encontros com os discentes, como sendo um grupo de estudos e interessados em geral.

O Projeto foi coordenado inicialmente pelo professor doutor João Alberto da Silva, do Instituto de Educação e envolvia os alunos dos cursos de Letras e Pedagogia. Havia a possibilidade de “encomendar” o Drops, os interessados poderiam solicitar a oficina com os temas específicos de acordo com as necessidades do público-alvo, preservando o formato de atividades rápidas, principalmente na área da metodologia do ensino. Em um segundo momento, houve a união dos cursos de Pedagogia e Biblioteconomia, assim o projeto foi ofertado pelo Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI, em parceria com o Instituto de Educação – IE. A oferta passou a ser de ambos os institutos, envolvendo alunos dos cursos de Pedagogia, Letras e Biblioteconomia. (FURG, 2010).

Em outro momento, inspirados no Projeto Drops Pedagógico, o curso de Biblioteconomia, com um grupo de discentes, coordenado pela professora doutora Angélica C. D. Miranda criou as oficinas “Se liga na Biblio”, em parceria com a Pró-reitora de Assuntos Estudantis-PRAE. Nas primeiras edições, desta versão, as atividades de curta duração, versavam sobre temas diversos, com o intuito de apresentar ferramentas de pesquisa e metodologia científica. Essas oficinas centraram-se na alfabetização científica, que conforme Chassot (2003, p. 93):

[...] diria que isso é fazer ciência, como elaboração de um conjunto de conhecimentos metodicamente adquirido – é descrever a natureza numa linguagem dita científica. Propiciar o entendimento ou a leitura dessa linguagem é fazer alfabetização científica.

Para esta pesquisa foi feito um apanhado dos últimos 5 anos para traçar a trajetória das oficinas, sendo iniciado do ano de 2017 e indo até o ano de 2021. Com uma pesquisa no site Diretoria de Extensão – DIEX, foi encontrado apenas um projeto relacionado ao Drops do professor João, e um projeto da professora Angélica, no ano de 2010, respectivamente projeto 20 e projeto 261, ambos de nome “Drops Pedagógico”. Sabe-se que em outra plataforma de projetos é possível que tenha mais dados, visto que houve uma mudança de plataforma nos últimos anos, entretanto a plataforma não está mais disponível.

O intuito era de que ao longo do ano fossem oferecidos cursos de curta duração, com o objetivo de desenvolver atividades relacionadas à informação para os alunos da FURG. (FURG 2021). O projeto integrou o Programa de Acompanhamento e Apoio Pedagógico ao Estudante, “servindo como uma importante ferramenta de aproximação entre a instituição e a comunidade acadêmica” (FURG, 2019, p. 1).

Com os dados obtidos por meio de relatórios de atividades do Sistema de Cadastros de Projetos da FURG, o SISPROJ que, de acordo com FURG (2020, p. 1) é um “registro de relatórios parciais ou finais [...] além de oportunizar a coleta de dados relevantes para o mapeamento, prospecção, publicização e prestação de contas das ações desenvolvidas pela FURG.”, graças a esses dados armazenados conseguimos informações suficientes para montar o grupo de tabelas expostas mais a seguir.

Para melhor compreensão foi produzido uma linha temporal com os marcos da trajetória das oficinas:

**Figura 2 – Linha do tempo**

<b>2010</b>	Início das oficinas
<b>2012</b>	Mudança do coordenador das oficinas
<b>2017</b>	Data início das análises das oficinas 2017
<b>2018</b>	Análise das oficinas 2018
<b>2019</b>	Análise das oficinas 2019
<b>2020</b>	Análise das oficinas 2020
<b>2021</b>	Data término das análises das oficinas 2021

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Em 2010 deu-se início ao projeto, e aproximadamente em 2012 ocorreu a mudança da coordenação do projeto e início das oficinas “Se Liga na Biblio”. Por ter 11 anos de duração, foi delimitado os últimos 5 anos para análise, a fim de obter dados mais específicos e uma melhor qualidade na coleta. De 2012 a 2017 houve uma pausa nas oficinas, no qual não é relatada a data exata desta pausa, troca do nome do projeto e instituto responsável, passou de “Drops” para “Se Liga na Biblio”.

#### 4.1 Coleta de dados sobre as oficinas

A coleta foi feita a partir de documentos do SISPROJ sobre as oficinas, disponibilizados pela coordenadora do projeto Professora Angélica C. D. Miranda. Com base nesses relatórios foram obtidos dados sobre o título da oficina, período de execução, a equipe executora e o número de vagas (aproximadamente).

Em 2017 tiveram 5 oficinas, em nenhuma foi citado o número de vagas ou a quantidade de pessoas alcançadas, todas foram produzidas pelo Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI, sendo coordenado pela professora Angélica C. D. Miranda. Iniciadas de 13 de julho a 24 de agosto, no período da tarde.

Em 2018 o projeto foi executado nos meses de maio a dezembro, mas não há lista das oficinas e dos ministrantes, FURG (2018, p. 1) por meio de uma ata informa a apresentação do “Projeto de Ensino. Período de execução de 15/5/2018 a 31/12/2018. Oficinas ‘Se liga na Biblio’ coordenado pela professora Angélica Miranda” (FURG, 2018, p. 1).

Em 2019 foram realizadas 10 oficinas, com um total de 175 vagas ofertadas ou pessoas alcançadas, todas foram produzidas pelo Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI, sendo coordenado pela professora Angélica C. D. Miranda. Iniciadas de 08 de maio a 06 de novembro, no período da manhã e tarde.

Por conta da pandemia de Covid-19 não houve oficinas no ano de 2020, essas por sua vez foram ministradas no ano de 2021, sendo sim, não adentrando na análise. Em 2021 tiveram 5 oficinas, com um total de 69 vagas ofertadas ou pessoas alcançadas, todas foram produzidas pelo Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI, sendo coordenado pela professora Angélica C. D. Miranda. Iniciadas de 30 de março a 28 de abril, no período da tarde.

Foi feita uma média com as vagas e pessoas alcançadas nas oficinas, num total de 244 vagas/pessoas alcançadas e 14 oficinas que tenham identificado o público alcançado, conseguiu-se um resultado de cerca de 17 vagas por oficinas. De acordo com FURG [2021]

há mais de 9 mil alunos da graduação presencial, 300 alunos da educação a distância e aproximadamente 2.500 alunos da pós-graduação, tendo 61 cursos de graduação, 18 cursos de especialização, 31 cursos de mestrado, 13 cursos de doutorado e 14 cursos de residência.

O total de alunos estudantes da FURG é de 11.800, já o total de alunos que participaram das oficinas é de 244, com isso é possível calcular que por volta de 2,0678% dos alunos da FURG foram alcançados com as oficinas do projeto “Se Liga na Biblio”. Refutando a hipótese 1, de que mais de 50% dos alunos da FURG participaram das oficinas. Todas as oficinas oferecidas envolvem produção científica e conseqüentemente a produção do TCC, assim corroborando e comprovando a segunda hipótese apresentada nesta pesquisa.

Esta etapa cumpre com os objetivos A, B e C expostos no trabalho, sobre buscar informações acerca das oficinas, apurar informações quanto ao número de vagas ofertadas em cada oficina, verificar quais oficinas foram ministradas e em qual período de tempo.

A seguir a listagem de oficinas ofertadas no período de 2017 a 2021:

1. A ciência aberta e as ferramentas para construção do trabalho científico. (ministrada 4 vezes).
2. A importância de pensar o trabalho científico.
3. Altimetria métricas alternativas para o pesquisador.
4. Caminhos científicos para organização de trabalhos científico.
5. Caminhos para organização do trabalho científico.
6. Como elaborar trabalhos científicos.
7. Como pesquisar online: fontes de Informação.
8. Como salvar e redigir trabalhos no *Microsoft Word*.
9. Como usar o *Google Docs* para trabalhos em grupos colaborativos.
10. Dicas para pensar o trabalho científico. (ministrada 2 vezes).
11. Divulgação científica e as redes sociais para pesquisadores.
12. Ferramentas do *Google Drive: Docs*, planilhas e formulários.
13. Portal de periódicos eletrônicos, revistas eletrônicas e acesso aberto.
14. Repositórios Institucionais, como e onde pesquisa.
15. Resiliência e motivação.
16. Roda de Conversa sobre Saúde Mental na Graduação.

No total tiveram 20 oficinas ministradas ao longo dos 5 anos abrangidos nesta pesquisa.

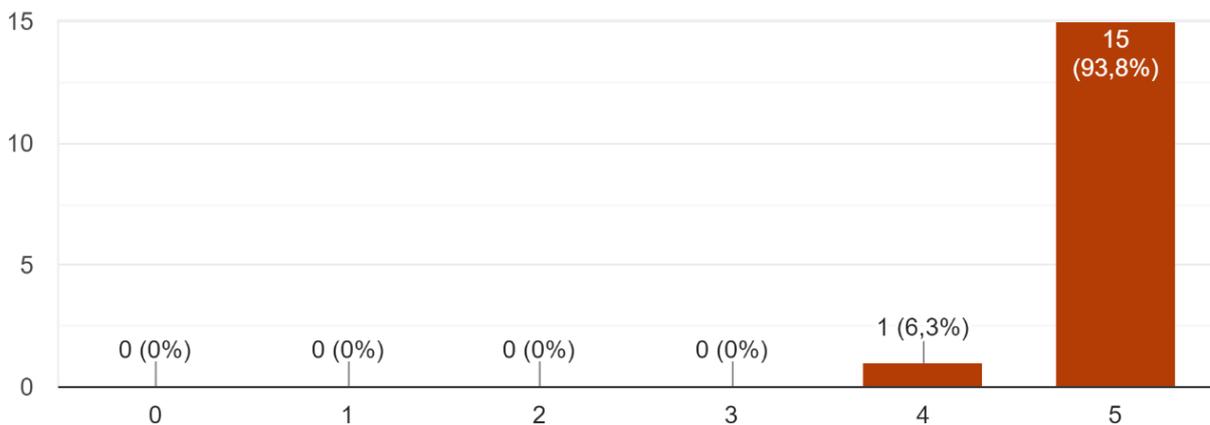
## 5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Dos 24 ministrantes, 22 eram alunos, 1 professor e 1 psicólogo, este último foi excluído da pesquisa, por não estar vinculado a área acadêmica e a universidade, de 2017 a 2021 houve 16 respondentes do questionário, dito isto, seguiremos com a análise dos resultados:

Na primeira pergunta relativa a faixa etária é visto que dos 16 respondentes, 11 se enquadram na casa dos 20 (vinte) anos (dentre 20 a 29 anos), 1 tem 39 anos, 2 têm entre 40 e 46 anos e outros dois entre 50 e 55 anos. Destes 87,5% são mulheres, e 87,5% estavam cursando a graduação no momento em que atuaram como ministrantes das oficinas, sendo 93,3% estudantes do curso de bacharelado em Biblioteconomia.

A figura 3 demonstra as respostas dos ministrantes acerca dos temas e relevância no contexto acadêmico.

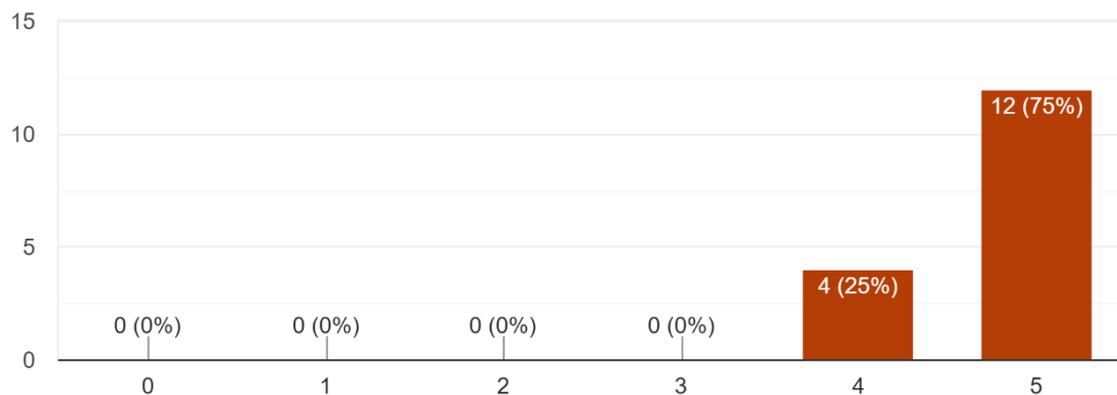
**Figura 3 – As oficinas tiveram um tema relevante?**



Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

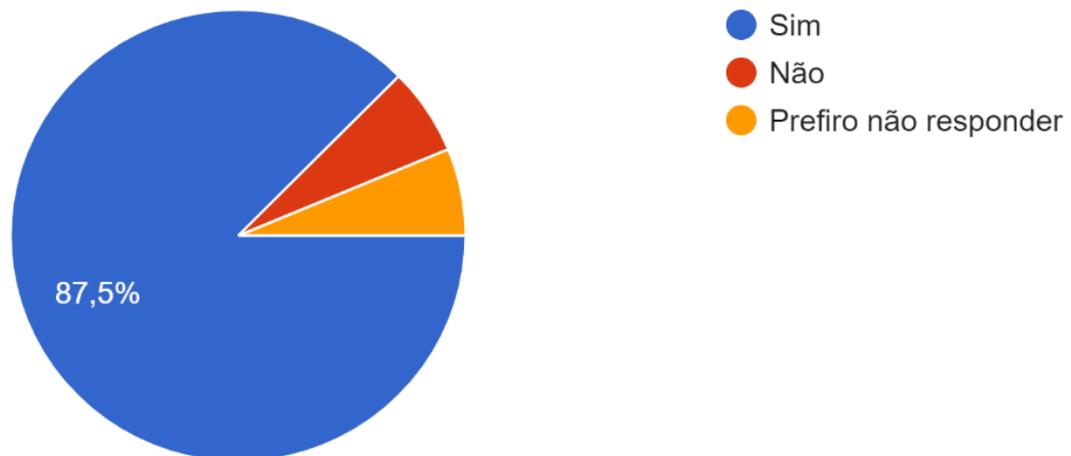
Sobre o tema das oficinas ser relevante, 93,8% responderam com “muito relevante”. Como visto na figura 3, de acordo com a listagem das oficinas ministradas, todas elas têm algum envolvimento com o TCC ou produção científica no geral.

A figura 4 ilustra as respostas da pergunta sobre a metodologia utilizada nas oficinas, se foi clara, objetiva e relevante para os alunos.

**Figura 4** – Na sua opinião, a metodologia utilizada nas oficinas foi clara e relevante?

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

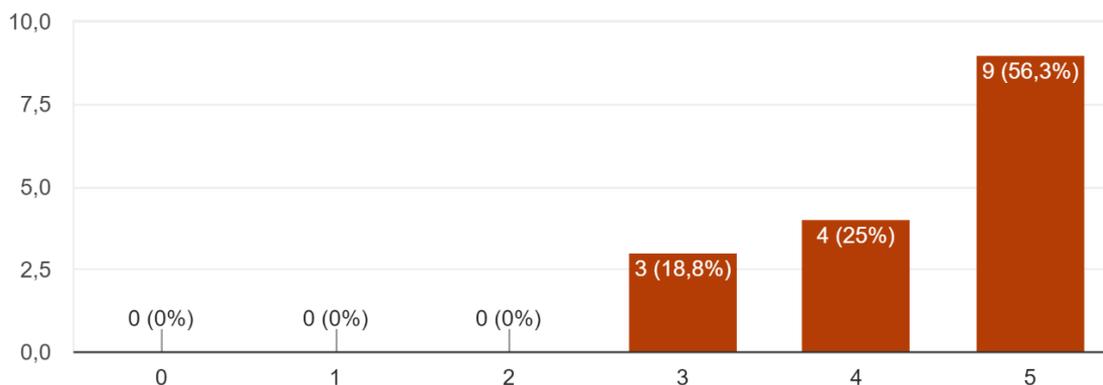
Verifica-se na figura 5 que, 75% dos respondentes afirmaram que a metodologia utilizada nas oficinas foi clara e relevante, salientando assim a consideração e interesse destes que produzem as oficinas. Na sequência foi perguntado sobre os alunos participantes, e se em algum momento demonstraram suas dúvidas/questionamentos.

**Figura 5** – Os participantes demonstraram dúvidas?

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Pelas respostas obtidas dos ministrantes, os participantes atuaram ativamente com perguntas, demonstrando suas dúvidas. E em todas as oficinas realizadas, os ministrantes tiveram o auxílio do material de apoio, que majoritariamente eram *slides* e imagens demonstrativas.

Os pesquisados foram perguntados sobre as participações nas oficinas, e suas considerações sobre o assunto podem ser vistas na figura 6.

**Figura 6 – Como você considera sua participação nas oficinas**

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Dos ministrantes 93,8% eram convidados(a) por um(a) professor(a) e apenas 6,3% convidado(a) por um(a) colega, e todos os respondentes consideram as oficinas como muito relevantes no meio acadêmico. Destes 56,6% estimam como muito relevante a própria participação no projeto.

As últimas 2 perguntas do questionário foram abertas e descritivas. A pergunta “14. Na sua opinião qual a relevância do projeto ‘Se Liga na Biblio’ para o curso de Biblioteconomia?” Recolhemos 10 respostas, destas destacamos os respondentes “A”, “B”, “G” e “I”. Esta etapa cumpre com o objetivo “D” sobre investigar a opinião dos ministrantes, acerca das oficinas, descrito anteriormente.

De acordo com o respondente A é “Um projeto em que os alunos do curso de Biblioteconomia ministram as oficinas, contribuindo para o ensino aprendizagem do discente”, corrobora com a tese de ter uma linguagem de fácil compreensão, e apresentado por alunos que possivelmente já passaram por aqueles questionamentos. O respondente B disse que “É uma forma de dar maior visibilidade para o curso e experiência para os discentes ministrantes”, visto que estes ministrantes acabam por ter certa experiência de “sala de aula”, pelas oficinas serem consideradas como aulas particulares ou um reforço das matérias.

Juntamente com essa ideia, o respondente G observa que é “Muito relevante, visto que ocasiona aos alunos um espaço para usufruir de diversas temáticas pertinentes para o mundo da iniciação científica”, pontualmente é a parte acadêmica com maior desgaste pela quantidade de regras necessárias, sendo mal interpretado algumas vezes, ou mal desenvolvido em sala de aula. O respondente I discorre que as oficinas “Promovem o curso, colabora com a comunidade. Integra alunos de diferentes cursos. Dá uma visão mais abrangente da profissão, fora da aula e com práticas”, os ministrantes acabam por lidar com diversas situações ocasionadas dentro de uma sala de aula, oportunizadas pelas oficinas.

A pergunta 15. “Deixe alguma sugestão para este projeto” foi recolhido 5 respostas, da qual destacamos os respondentes “A”, “B” e “E”. O respondente A disserta sobre: “A minha sugestão é que os cursos sejam introduzidos na Acolhida Cidadã para todos os calouros da universidade, principalmente as oficinas que ensinam o uso dos sistemas da FURG, *Google Drive*, Fontes de Informação e o Pensar no trabalho acadêmico”, desta forma os alunos ingressantes iniciaram as aulas tendo um pouco mais de conhecimento geral acadêmico, formulação de trabalhos, normalização, entre outros.

Da mesma forma o respondente B relata sobre a importância de “Trazer colegas para as palestras, mas fechar o período de oficinas com uma autoridade nos temas propostos”, para assim mostrar a todos os alunos – sejam eles participantes ou ministrantes – sobre outras vertentes do tema, e/ou metodologias emergentes. De acordo com o respondente E: “sei que demanda tempo para montar o conteúdo, mas acredito que poderia ter com mais frequência. Tem tanto assunto novo na área, sei que nós alunos talvez não tenhamos domínio sobre o tema, mas quem sabe oportunizando apresentar de outra maneira, com outro tipo de fala, seja mais fácil para o aluno entender” reforçando a enunciação de trazer uma autoridade sobre o assunto a fim de expor as facetas de seu estudo sobre determinado tema, além de novos métodos de apresentação, como vídeos explicativos, videochamada, palestrar e até mesmo *workshop*.

A maioria das respostas demonstra que os ministrantes gostariam que as oficinas continuassem de forma mais contínua, e uma sugestão dada é que as oficinas sejam introduzidas na Acolhida Cidadã para os calouros, além de no fechamento ser acompanhado por uma autoridade sobre o tema proposto. Com base nos resultados obtidos, conseguimos verificar que, por enquanto, não há vagas suficientes para suprir as necessidades e abranger todos os alunos da universidade. Para isso seria necessário um número maior de oficinas, ministrantes e duração, visto que os participantes comumente atuam com perguntas, tirando suas dúvidas e demonstrando interesse.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo resgata uma parte da trajetória das Oficinas “Se Liga na Biblio”, iniciadas no ano de 2010, a troca de coordenação do projeto, e os alunos envolvidos. Tendo por objetivo investigar a trajetória das oficinas “Se liga na Biblio” no curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. As oficinas além de divulgar o curso de Biblioteconomia, reitera como auxílio aos participantes, reforçando ideias anteriormente expostas em aula.

Demonstrada a importância e relevância das oficinas no meio acadêmico, pelas respostas obtidas, sendo uma contribuição aos alunos para que os envolvidos cheguem em um mesmo propósito. As ministrações das oficinas seguiram por meio da utilização de slides com figuras demonstrativas, seguidas de tutoria supervisionada. Em virtude dos resultados pode-se compreender como os discentes participantes da pesquisa veem a importância das oficinas dentro do ambiente acadêmico, de modo a proporcionar um auto enriquecimento científico para o ensino.

Concluimos que as oficinas desempenham um importante aporte para a comunidade universitária, por ser uma forma de estudo e aprendizado em conjunto, tendo uma troca de experiências, com uma linguagem de fácil compreensão. Por esse motivo as oficinas fazem parte do processo que compõe uma relação educacional, essas influenciam diretamente a qualidade dos estudos, facilitando o aprendizado e a comunicação. A falta do ensino digital, dentro e fora das escolas, tende a trazer o afastamento e defasagem na aprendizagem, isso significa que com a falta do ensino de como utilizar as mídias e as ferramentas digitais as pessoas acabam por não estarem enturmadas com o digital, perdem mais tempo para adquirir novos conhecimentos e/ou habilidades.

Por ser uma temática de extrema importância para a área da divulgação científica e educação, estudos futuros ainda carecem de atenção para contemplarem a academia. Como continuidade desta pesquisa, trabalhos que se atentem ao analfabetismo digital e divulgação científica já estão sendo analisados como pretensão a ser parte da dissertação de mestrado da autora.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. Brasília, DF: Editora Brasiliense, 1981.
- ANALFABETISMO: entenda o que é e os principais tipos existentes no Brasil! 28 abr. 2021. **Blog do Stoodi**. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/geografia/analfabetismo/>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- ANDRADE, M. L. F. de; MASSABNI, V. G. O desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de ciências. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 17, n. 4, p. 835-854, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/vYTLzSk4LJFt9gvDQqztQvw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- AZEVEDO, K. R.; OGÉCIME, M. O papel do bibliotecário como mediador da informação na busca pelo letramento informacional. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 18, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8654473>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- BORGES, G. L. A. **Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: fundamentos, história e realidade em sala de aula. Unesp/UNIVESP – 1ª edição, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47357>. Acesso em: 30 nov. 2021.

- CANDAU, V. M.; ZENAIDE, M. N. T. **Oficinas: Aprendendo e ensinando direitos Humanos.** João Pessoa: Programa Nacional de Direitos Humanos/Secretaria da Segurança Pública do Estado da Paraíba/Conselho Estadual da Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1999.
- CARDOSO, R. C. *et al.* As oficinas educativas enquanto metodologia educacional. **Anais IV CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35945>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 230p. Resumo e adaptação do original. Disponível em: [https://www.nelsonreyes.com.br/A.F.Chalmers\\_-\\_O\\_que\\_e\\_ciencia\\_afinal.pdf](https://www.nelsonreyes.com.br/A.F.Chalmers_-_O_que_e_ciencia_afinal.pdf). Acesso em: 17 jul. 2021.
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 89-100, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000100009>. Acesso em: 07 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. Ciência e humanismo. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 6, n. 2, p. 07-18, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/view/170>. Acesso em: 28 ago. 2021.
- CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões.** São Paulo: Senac São Paulo, 2003.
- CORCIONE, D. Fazendo oficina. **Caderno de Textos-Versus Brasil**, p. 20-22, 2007. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/versus\\_brasil\\_vivencias\\_estagios.pdf#page=21](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/versus_brasil_vivencias_estagios.pdf#page=21) Acesso em: 24 ago. 2021.
- CRESWELL, John. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p. ISBN 978-85-363-2300-8. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/4226272/mod\\_resource/content/2/Creswell-parte%201.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/4226272/mod_resource/content/2/Creswell-parte%201.pdf). Acesso em: 17 jul. 2021.
- DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação.** São Paulo: Futura, 1998. Disponível em: <https://ppgic.files.wordpress.com/2018/07/davenport-t-h-2002.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.
- FONTELLES, M. J. *et al.* **Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa.** Revista para Medicina, Pará, 28 ago. 2009. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C8\\_NONAME.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf). Acesso em: 17 jul. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987, p. 129.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008. 175 p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- MAIA, R. T. A importância da disciplina de metodologia científica no desenvolvimento de produções acadêmicas de qualidade no nível superior. **Revista Urutágua: revista acadêmica multidisciplinar**, Maringá, n. 14, 2008. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/014/14maia.htm>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.
- MIRANDA, A. C. D.; FIRME, S. M. Capítulo III o curso de bacharel em biblioteconomia da FURG e sua articulação com a extensão universitária. *in*: RODRIGUES, M. C. **Bacharelado em biblioteconomia – FURG: trajetórias de ensino, pesquisa e extensão, 1975-2015.** Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7832/BIBLIOTODO.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- MUNIZ, C. **Home office na pandemia pode levar profissionais à exaustão.** São Paulo: Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/carreiras/2020/04/home-office-na-pandemiapode-levar-profissionais-a-exaustao.shtml>. Acesso em: 25 ago. 2021.

OLIVEIRA, M. B. M.; BORGES, E. V.; LIMA, T. B. Inclusão digital e as políticas públicas: qual o papel da escola e do professor? **Revista Transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura da UNIGRAN – a Inter Letras**, Dourados, v. 9, n. 32, p. 1–18, 2020. Disponível em: [https://www.unigran.br/dourados/interletras/ed\\_anteriores/n32/conteudo/artigos/10.pdf?v=2](https://www.unigran.br/dourados/interletras/ed_anteriores/n32/conteudo/artigos/10.pdf?v=2). Acesso em: 26 jul. 2021.

ORGANIZAÇÃO. *in*: DICIO: dicionário de português online. ©2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/organizacao/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants part 1. **On the horizon**, San Francisco, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. 30 nov. 2021. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

SALCEDO, D. A.; SILVA, J. R. P. A disseminação da informação: o papel do bibliotecário-mediador. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 23-30, 2017. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1274>. Acesso em: 24 jul. 2021.

SEGATA, J. A colonização digital do isolamento. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 163-171, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/171297>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. **Das “Ciências” documentais a Ciência da Informação**: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Afrontamento, 2002.

SILVA, E. B. F.; SAMPAIO, D. A. O boom informacional: a tecnologia e a gênese da ciência da informação. **BiblioCanto**, Natal, v. 3, n. 2, p. 3-16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/12349>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SILVA, J. M. da; LINS, A. E. Letramento científico no ensino de Biologia e Ciências: percepção de professores da rede pública de ensino. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema, v. 6, n. 3, p. 3535-3552, 2021. Disponível em: [https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/1877](https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1877). Acesso em: 30 nov. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG. **Ação**: ensino (relação de projetos). 2021. Disponível em: <https://docplayer.com.br/215339805-Universidade-federal-do-rio-grande-furg-pro-reitoria-de-graduacao-diretoria-pedagogica.html>. Acesso em: 26 ago. 2021

\_\_\_\_\_. **Ata 05/2018**: reunião ordinária. 2018. Disponível em: <https://ichi.furg.br/images/stories/atas/2018/ATA-05-2018.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2021

\_\_\_\_\_. DIEX – Diretoria de Extensão. **Projetos 2010**. 2015. Disponível em: <https://diex.furg.br/44-a%C3%A7%C3%B5es-de-extens%C3%A3o/89-projetos-2010.html>. Acesso em: 03 dez. 2021.

## NOTAS E CRÉDITOS DO ARTIGO

- **Reconhecimentos**: Não se aplica.
- **Financiamento**: Não se aplica.
- **Conflitos de interesse**: Não se aplica.
- **Aprovação ética**: Não se aplica.
- **Disponibilidade de dados e material**: Os conjuntos de dados gerados e/ou analisados durante o presente estudo estarão disponíveis no Repositório Institucional da FURG.
- **Manuscrito publicado como *preprint***: Não se aplica.

## CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:

Contribuição	Pinto, A. N.	Miranda, A. C. D.
Concepção do estudo	X	
Conceitualização	X	
Metodologia	X	X
Coleta de dados / investigação	X	
Curadoria de dados	X	
Análise dos dados	X	X
Discussão dos resultados		X
Visualização (gráficos, tabelas e outros)	X	
Rascunho original	X	
Revisão e edição final		X
Supervisão e administração		X

## LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI)** direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International*. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

## PUBLICADOR

Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

**Presidente do Corpo Editorial**

Angélica C. D. Miranda, Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

**Editora da Revista**

Maria Helena Machado de Moraes, Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

**Editor Associado**

Nivaldo Calixto Ribeiro, Universidade Federal de Lavras, UFLA.

**Assistente de Editor**

Luan Soares Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

**Revisor da língua portuguesa**

Os Autores.

**Revisor de referências**

Os Autores.

## HISTÓRICO:

Recebido em: 17/02/2023

Aceito em: 17/05/2023

Publicado em: 13/11/2023

Este formulário foi elaborado a partir das boas práticas sugeridas pela SciELO no seu formulário de conformidade com a Ciência Aberta e pelos formulário de Notas da Obra dos periódicos científicos: Encontros Bibli, AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento e do formulário Credit da Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação.